

GIUCCI, Guillermo. *Sem Fé, Lei ou Rei: Brasil 1500-1532*. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

DUSSEL, Enrique. *1492: O Encobrimento do Outro (A Origem do "Mito da Modernidade")*: Conferências de Frankfurt. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, Vozes, 1993.

Dois lançamentos na área de História revisitam o tema do descobrimento do Novo Mundo, esmiuçando o intenso processo de intercâmbio cultural no qual a Europa, ao projetar o signo da negatividade sobre os povos indígenas, impõe-se com violência sobre as culturas americanas.

Guillermo Giucci, que realizou em seu livro anterior, *Viajantes do Maravilhoso* (1992), uma análise primorosa do imaginário dos viajantes da América, debruça-se em *Sem Fé, Lei ou Rei – Brasil 1500-1532* sobre as fontes quinhentistas que desvendam as formas européias de apreensão das terras e gentes de Santa Cruz.

Da *Carta* de Pero Vaz de Caminha, mitificadora da natureza e dos índios e pautada na tradição bíblica, aos escritos de Américo Vespúcio, que contrapõem a natureza edenizada à barbárie indígena, o autor persegue as variações sofridas na imagem do índio, à medida que avançava a colonização.

Ao longo do século XVI, quanto mais o índio recebia atributos bárbaros, devido à resistência oferecida aos europeus, mais as técnicas do Velho Mundo tornavam-se imprescindíveis – navios, artilharia, ferramentas de metal, espelho e a própria escrita – enquanto estratégias de dominação dos ameríndios. A cristalização da imagem do índio como barbárie configurou-se nos escritos de Pero Magalhães Gandavo, em 1570, na sua célebre fórmula que se tornará lugar-comum na literatura colonial: os índios “não têm Fé, nem Lei, nem Rei”. Segundo Giucci, esta tornou-se “álibi do poder imperial”, pois “passou a representar, [...] muito mais que uma observação etno-histórica: transformou-se em acusação comprometedor e efetivo método de pressão”. (GIUCCI, 1993, p. 209).

Ampliando ainda mais esse campo de reflexões, *1492: O encobrimento do outro* reúne oito conferências de Enrique Dussel, professor da Universidade

Autônoma do México. Partindo do pressuposto de que a Modernidade não é um fenômeno exclusivamente europeu, mas que deriva de uma relação dialética com o não-europeu, o autor encontra a gênese da Modernidade no ano de 1492, quando a Europa confrontou-se com o Outro e se afirmou como “centro” da História.

Depois de discutida a exclusão da América Latina da ontologia hegeliana, Dussel, num primeiro momento, distingue conceitualmente seis figuras históricas (*Gestalten*) correspondentes a etapas específicas da incorporação da América ao Velho Mundo.

A primeira delas resgata a tese central de Edmundo O’Gorman, *A Invenção da América*. Colombo supôs ter chegado à Ásia e criou um “ser asiático” no novo continente que só existiu no imaginário do navegador. A segunda figura é a do “descobrimto” enquanto experiência do “novo”. Américo Vespúcio é quem melhor encarna este aspecto, pois à medida que introduzia a dúvida nos fundamentos da cultura mediterrânea, ganhava consciência de ter descoberto um mundo novo. Uma vez reconhecido o território a ser dominado, passava-se à *praxis* da dominação, à conquista, que constitui a terceira figura. Já a quarta, a “colonização do mundo da vida (*Lebenswelt*)”, diz respeito ao processo europeu de modernização do Outro por meio de prá-

ticas pedagógicas, culturais, eróticas e econômicas. A quinta, “a conquista espiritual”, teve início com a chegada dos doze franciscanos no México em 1524. Por fim, a sexta figura é uma tentativa por parte das elites da América Latina de elaboração de um mito: o “encontro de dois mundos”. Dussel o desconstrói, mostrando que, na verdade, houve um “choque” de culturas, cujos abalos foram significativos para o universo indígena.

Num momento posterior, o autor faz uma crítica precisa ao “mito da Modernidade”, elaborado pela consciência européia que julga a própria cultura como superior e mais desenvolvida enquanto relega as demais à barbárie. Neste sentido, o sujeito moderno vítima o Outro e exime-se da culpa. Uma vez demolido este mito, Dussel adota a hermenêutica do Outro e reconstrói o fato histórico do descobrimento à luz dos mitos indígenas.

Com a descoberta do Novo Mundo, portanto, configurou-se uma nova ordem mundial na qual a América, a África e a Ásia ocuparam os espaços periféricos da História e a Europa, o centro. Hoje em dia, assombrada pela eclosão de violentos conflitos étnicos por todo o continente, a Europa volta o seu olhar para a América como espaço de pluralidade de culturas, alternativas e paradoxos. Os livros aqui mencionados são contribuições fundamentais para a historiografia americana.

Maria da Glória Porto Kok
Doutoranda em História Social